

Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 21 de Novembro de 1987 * Ano XLIV — N.º 1140 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



A grande Concelebração no Palácio de Cristal! Para além da Obra da Rua e das suas limitações, Pai Américo foi, neste dia, vento impetuoso que soprou as Igrejas Particulares, que são as Dioceses, sobretudo aquelas que mais directamente sentiram a sua presença.

ECOS DO CENTENÁRIO DO PAI AMÉRICO

O pensamento da semente que morre — é necessário que morra — para que surja pujante vida nova, é constante em Pai Américo. Daí, o «a minha Obra começa quando eu morrer» proclamado com significativa insistência nos derradeiros tempos, mas tantas vezes repetido, por esta ou por expressões equivalentes, ao longo da sua vida de obreiro humilde, simples executor dos planos de Deus que são sempre obra de Justiça a realizar por Misericórdia.

Nesta linha de que todo o fim resulta num princípio, agora que terminaram as celebrações do Centenário do seu nascimento, impõe-se o nosso empenhamento nas acções que o reflectir no seu exemplo sugeriu como modo autêntico de o homenagearmos: servir, à maneira dele, os mesmos que

ele serviu — os mais caídos, os mais abandonados.

Tantas pessoas nos perguntam pelos nossos próprios projectos e apontam, nomeadamente, o problema das raparigas. Que lindo, se neste ano pudéssemos lançar mais uma Casa do Gaiato... para gaiatas! Mas que é das Mães?...! Quinta?... Arranjar-se-ia. Todas as demais coisas que seriam necessárias?... Também. Mas se para as próprias Casas que existem é tão premente a solução desta carência — como pensar em novas Casas?! Que bem precisas eram! Quem dera estivéssemos tendendo para aquele desiderato que Pai Américo exprimia assim: «A nossa glória era acabarmos por já não haver razão de ser para a Obra!» Desgraçadamente a sociedade caminha em sentido contrário. Nunca a Obra foi

tão oportuna como prestação da justiça devida às vítimas inocentes de uma sociedade em decadência, pelo definhamento da célula familiar. Tantas crianças, rapazes e raparigas, que ficam nas margens dos caminhos, sem mais podermos em favor delas senão pelo sofrimento da nossa limitação!

Mulheres fortes, prendadas, no vigor da vida, que tenham o que deixar e se disponham a trocá-lo pela fecundidade maternal que não gera mas assume e cria os filhos de ninguém — onde estão elas?

Mas para além da Obra da Rua e das suas limitações, Pai Américo foi, neste ano, vento impetuoso que soprou sobre as Igrejas Particulares, que são as Dioceses, sobretudo aquelas que mais directamente sentiram a sua presença.

Que cada freguesia cuide

dos seus Pobres», eis o tema proposto, durante um ano de acção pastoral, a consciência de comunidades que urge vivificar pelo exercício da Caridade «em obras e em verdade». O trabalho apenas começou. Em muitos lugares foi uma surribo a preparar terreno; noutros, uma primeira sementeira; noutros, um aprofundar de consciência para o muito que ainda falta e de como se pode lá chegar se acreditarmos vivamente no Evangelho, na Sua actualidade permanente. Pai Américo acreditou e creditou-O. O que ele fez, vale, sobretudo, como argumento exemplar do que está ao nosso alcance. Ninguém pode adormecer sobre as conquistas realizadas. «Feliz o servo que o Senhor, quando vier, encontrar vigilante.» O trabalho apenas começou. Do perseverar nele dependê a abundância e a qualidade dos frutos.

Neste contexto, cabe o projecto da mitigação do problema da mendicidade que a Assembleia dos Párocos do Porto se propôs e que Deus há-de animar por entre as muitas dificuldades e contradições que terão de sofrer. Se fosse fácil, que valor teria? Não, fácil não é! Nem eles serão dos «fracos de que não reza a História» — assim o esperamos, fiados na Graça que lhes não faltará.

E o «Calvário» do Hospital de S. João? Mais caminhos duros a romper para uma experiência-piloto do que esperamos venha a tornar-se a regra dos grandes Hospitais,

Cont. na 3.ª pág.

Cantinho dos Rapazes

O tema deste Cantinho é o Centenário de Pai Américo. A Obra da Rua, como destes conta, foi muito falada. Os meios de comunicação social fizeram a cobertura do acontecimento. E continuam ainda a referir-se a Pai Américo e à herança que nos deixou. Nas paróquias, nas escolas, nas famílias, nos grupos onde as pessoas de todos os níveis se reúnem, o Centenário foi lembrado. Trata-se, como vedes, de um facto muito importante.

Julgo que, neste momento, devemos reflectir sobre o que nós somos e o que significa para nós um interesse tão grande do povo, em geral. Como herdeiros naturais de Pai Américo, temos muita responsabilidade. Não podemos enganar os que têm os olhos postos em nós. Acredito que a vida de muitas pessoas foi tocada por este acontecimento. As comunidades lá de fora, aquelas que viveram a sério o Centenário de Pai Américo, ganharam novas forças. Foi um bem muito grande. Os frutos não se podem colher imedia-

Cont. na 3.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Ninguém mais do que nós gosta de ver avenidas, jardins e palácios, mas tudo é fachada de mentira, se por detrás de tudo isso se não levanta igualmente a sorte dos que não têm casas nem pão.» (Pai Américo)

Disseram os meios de comunicação social que Lisboa vai dispor, nos próximos cinco anos, de casas para substituir as dez mil barracas existentes nas zonas degradadas e subúrbios da Capital, para lá de acções tendentes a recuperar o parque habitacional camarário, isto sem contar com outras iniciativas já em curso. Alegrem-nos.

Temos muito respeito por

todos aqueles que se devotam ao serviço do bem comum da «res pública». As vezes, por imperativo de consciência, temos tido ocasião de denunciar em termos vigorosos a inércia ou o desinteresse dos homens investidos em autoridade, sobretudo se se dizem cristãos. Tendo em conta, embora, que quem cumpre com o seu dever não merece encómos, apraz-nos registar o esforço e o dinamismo postos, na zona em que nos situamos, na área da grande Lisboa, para que as carências habitacionais sejam ultrapassadas. Que a coragem, a lucidez e o empenhamento

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Pelos casos que topamos dia-a-dia, como será noutras comunidades onde não há quem mexa pa-lheira nos Pobres?!

Quem dá a mão às Viúvas? Algumas com um ror de filhos, obrigadas a deixar o lar, a mourejar para os criar, já que a dita pensão de sobrevivência é paliativo que as força a caminhar por um de dois extremos... Não se dá fé deste problema social!

Visitámos uma delas. Envelhecida na cruz que suporta, cristãmente, suprimindo a falta do marido — único amparo do lar. *Faz pão* nas paredes de casa e procura integrar-se e integrar as crianças no meio, abrindo-lhes horizontes de futuro. É mãe! Que seria se não dêssemos a mão, a ela e aos filhos?!

A doença é outra cruz dos Pobres — e quanto mais pobres, pior —, como pensionistas do regime geral, ou especial, cuja vida depende de medicamentos. O aumento nos remédios nem sempre é equacionado com o estipulado para as pensões. Temos de suprir para manter vidas que sucumbiriam...! Quanto se poderia fazer, nos Centros de Saúde!

A habitação é um caso grave, muito sério! Quem constrói moradias para os necessitados? Aqui, não fosse o Património dos Pobres como seria?! A procura supera a oferta; a Obra continua actualíssima, qual sinal para abrir os olhos aos mais responsáveis.

Que dizer daquela mulher discreta que subtrai ao magro orçamento dois contos mensais para, em sigilo, dar à irmã com um ror de filhos? O marido desta recebe o salário mínimo nacional, mas a renda de casa come um terço da mensalidade! Resultado: lar subalimentado; pior: esfomeado. Não nos admiremos com o retorno da tuberculose — a doença da fome.

Partilhamos para suprir carências. Damos pão e leite àquelas crianças, um alívio no lar até quando for necessário. Dissipamos núvens. Graças a Deus!

Actualmente, nas chamadas regiões intermédias — é o caso — surge um complexo de problemas (que eram) típicos ou específicos das grandes urbes ou zonas suburbanas!

PARTILHA — Assinante 11902, do Fundão, com a remessa habitual. Vale do correio da assinante 27063, do Cacém, tão persistente! Outro, de Águeda. Resto de contas do assinante 22706, de Setúbal. «Uma migalha» — muito grande! — do assinante 7464 «para ser aplicada como melhor entenderem e não é preciso agradecer». Ofertas com letra maiúscula!

Mais dois contos do assinante 23618. «pela alma de meu querido pai», de Umbilo (África do Sul). Surge assiduamente! Vale postal da assinante 26471, «destinado a uma senhora idosa e doente, protegida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Cheque dum sacerdote, muito amigo, de Cinfães. Quatro contos pela mão da assinante 27385, que não quer agra-

decimentos — apenas uma simples alusão n'O GAIATO».

Outro vale de correio, com uma legenda: «3.000\$00 para uma necessidade mais urgente da Conferência». São tantas! Cheque, repolhudo, da assinante 31104, que se desfaz em generosidade, «muito grata por terem rezado por mim». Acrescenta: «Espero O GAIATO sempre com o coração».

Metade dum cheque, proveniente da Régua. Vários donativos das assinantes 18880 e 22890 entregues na Casa do Gaiato do Tojal. Oferta delicada, remetida da Rua dos Bombeiros Portugueses — Faro. «Uma assinante de Paço de Arcos» com «a partilha mensal para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Há tantos anos! Valioso crédito no Livro da Vida!

Cheque de Torres Vedras («agradeço que mil se destinem aos vossos Pobres»), pedindo inscrição como assinante d'O GAIATO e da Editorial. Acentua: «Estou a ler pela segunda vez o livro Viagens. Sente-se Deus. Só falta vê-lo. Quase em todos os capítulos volto atrás para saborear e meditar».

Remanescente de contas da assinante 10770, de Vila Nova de Gaia: «É pouco, eu sei, mas conforme as minhas possibilidades». Ai está o valor! Vilares (Vila Franca das Naves), o costume. Outro sacerdote: assinante 29531 com 5.000\$00.

«Pelo Centenário do Pai Américo», 600\$00 da assinante 14615, Olhão, «pequeno óbulo com muito amor e carinho». Quantos Amigos lembram os Pobres nesta data! «Tendo em mente a personalidade desse

Homem ímpar que foi Pai Américo, junto um cheque de cinco contos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa» — assinante 32986, do Porto. Outro, do assinante n.º 20, com a mesma intenção — e a Amizade de sempre. É um dos primeiros Amigos da Obra da Rua, na cidade do Porto. Mais outro, de Setúbal, pela mão da assinante 25881. E mais um, de velho vicentino lisboeta, sempre d'alma jovem.

Aveiro, cinco contos pela mão de boa Amiga que é um estímulo para todos nós. Assinante 23311 manda um cheque «para ajuda dos Pobres». Vinte dólares, de Vancouver (Canadá), destinados «ao jantar do Natal de uma família pobre. Embora a festa esteja longe, hoje foi a ocasião de enviar esta pequena quantia». Servir na hora própria!

«Uma portuense qualquer» marca presenças de Setembro e Outubro. Mas, acentua: «A migalhinha deste mês vai acrescida dum bocadinho mais para lembrar o Centenário do Pai Américo. Lembrar os mais pobres, não com palavras mas com pequeninos gestos de amor, é uma maneira de prestarmos homenagem ao Santo dos nossos dias». Estas afirmações são ditas pelo coração.

Assinante 19177, presente. Dez contos da assinante 35622, de S. Mamede de Infesta, «para dar a quem precisar». Não falta a quem! Margarida, de Valadares: chegou tudo em ordem. Com um abraço e muita amizade, dez notas do assinante 8120, do Rio de Janeiro. Matámos saudades...!

Quinhentos escudos da assinante

30524, de Tondela. O dobro de visitante assídua «por alma dos meus pais». Fechamos a coluna com o registro de mais uma generosa oferta da assinante 31104 — olhos no Purgatório. Continuemos rezando. Tenhamos fé. Deus é sumamente Misericordioso.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

AULAS — Começaram as aulas! O Ensino Primário abriu as portas a sessenta alunos. No Ensino Preparatório, 1.º ano, somos oito; 2.º ano, três. No Ensino Unificado: 7.º ano, cinco; no 8.º ano, três. No Ensino Complementar temos um no 10.º ano e outro no 11.º de escolaridade.

Tudo começou bem. O estudo é muito importante. Hoje, as dificuldades de trabalho são muitas. E, sem preparação, como se pode arranjar emprego?

CATEQUESE — Os grupos estão organizados e já começaram. Os mais velhos ajudam, no trabalho, os mais pequeninos. É a preparação dos que vão receber o Baptismo, a primeira Comunhão. Para todos, esperamos seja tempo de crescimento nas Verdades da Fé.

PECUARIA — Os porcos foram atacados pela peste suína africana!

A FAMÍLIA CRESCE



A Vera e o Saúl são rebentos da grande árvore da Obra da Rua. Filhos do Joaquim Manuel e da Celeste, ele foi da Casa do Gaiato do Tojal.



Filhos do António Tinoco



O Mário (que foi da Casa do Gaiato de Malanje) e a Lurdes uniram as suas vidas na capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

Morreram todos! Eram 39 e estavam tão bonitos e gordinhos!

AGRICULTURA — Boa colheita de abóboras. Chegaram as primeiras chuvas e estamos a preparar o terreno para novas culturas. Brevemente será a apanha da azeitona.

TORNEIO INTER-CASAS — O César, responsável pelo Grupo Desportivo de Setúbal, proferiu algumas palavras, após as do nosso Padre Luiz, durante o almoço-convívio: «O Torneio Inter-Casas é, acima de tudo, uma prova de carinho. Para além do valor desportivo, o Torneio é, para todos, a luz da amizade, o diálogo e o Convívio partilhado por todos. É comungarmos da alegria de Pai Américo». Guido, responsável do Grupo Desportivo de Miranda do Corvo, e colegas, sensibilizaram-nos, dizendo: «A recepção na Casa do Gaiato do Tojal foi inesquecível. Verdadeiramente, um fim-de-semana de convívio de Gaiatos irmãos. Ficámos com saudades. É verdade!»

Gostamos muito da vossa alegria, boa disposição, desportivismo e amizade. Deus permita mais oportunidades para iniciativas que proporcionem um relacionamento mais íntimo entre as Casas do Gaiato.

José Manuel dos Anjos Nunes

MIRANDA DO CORVO

CENTENARIO DO PAI AMÉRICO — Em 23 de Outubro, pelas 17 h., começou a festa com o sacramento da Confissão na nossa capela. Depois, no salão, vimos slides da Vida e Obra do Pai Américo. E, em seguida, participámos na Eucaristia. A festa, rodeada pelo Espírito de Pai Américo, subia de grau e culminou na confraternização entre amigos e antigos gaiatos

A 24 de Outubro, pelas 7,15 h, saímos em direcção a Galegos, Casa do Gaiato de Paço de Sousa e Palácio de Cristal (Porto).

Visitámos a igreja onde Pai Américo foi baptizado e, de lá, avistámos a casa onde nasceu.

Dirigimo-nos a Paço de Sousa. Visitámos a Aldeia dos Rapazes. Apreciamos tudo, e as artes do Neca. Dobrámos os joelhos na Capela e, em silêncio, diante do túmulo de Pai Américo.

Arrancámos para o Porto e, a meio caminho, paramos para tratar do estômago, com o nosso bom pão, etc. Quem esteve no Palácio de Cristal ouviu, viveu e pôde, através das suas expressões, mostrar o que foi a festa.

Regresso a Miranda do Corvo. «Cerola» pegou no micro e deu início a apreciações sobre aquele dia:

— Gostei de ir ao Porto, que nunca tinha ido. O Porto é a minha terra. Gostei de passar na Casa do Gaiato de Paço de Sousa e conviver com os rapazes. Gostei de ir ao Palácio de Cristal. Foi bom dar este passeio e ver onde Pai Américo nasceu e foi baptizado.

Apreciações saídas dos mais novos;



Cantinho dos Rapazes

Cont. da 1.ª pág.

tamente. Não temos ilusões. Mas temos fé e muita esperança de que os frutos virão a seu tempo. Foi assim com a vida de Pai Américo. Desde que nasceu até à morte foi semeando; ainda colheu muito, mas não nos podemos esquecer do que disse pouco antes de nos deixar: «A minha Obra começa quando eu morrer». Ele sabia o que dizia. Melhor, via o que se não pode saber nem ver com a sabedoria dos homens nem com os olhos da carne. Era um homem que vivia da Fé. Está aqui o segredo da fecundidade da sua vida. A esta luz devemos estar e construir a Obra da Rua.

Sei que muitos de vós têm dificuldade em entender esta verdade. Compreendo, mas quero ajudar. Só a experiência vos pode dar o conhecimento e a aceitação da Obra

da Rua como Pai Américo a via. Ela nasceu da Fé. Há-de crescer na Fé do Senhor Jesus. Foi no Nome Santíssimo de Jesus que Pai Américo assentou este edifício que habitais.

«Fazer de cada rapaz um homem» foi a meta que se propôs. Este pensamento só se tornaria realidade porque Pai Américo acreditou em cada um. Não estranheis que fale em vós, porque os que vos precederam, conviveram com ele ou viveram mais perto dele, eram rapazes como vós. E foi com eles e por eles que fez a Obra da Rua. O mesmo posso dizer do Património dos Pobres, do Calvário e do jornal O GAIATO. Vós, os Pobres, os doentes incuráveis sois os senhores da Obra da Rua. Mas não podemos esquecer que só é verdadeiramente senhor aquele que serve. Por isso, toda a força da Obra da Rua está na generosidade, no espírito de serviço

posto em prática todos os dias em cada uma das nossas comunidades. Estamos nela para servir. Desde o mais pequenino ao mais velho.

Reparai que este caminho não é fácil. Sabeis que assim é. Mas não temos outra forma de viver, sob pena de transformarmos as nossas comunidades em hospedarias e não em famílias onde pais, mães e filhos vivem em verdadeira comunhão, dando tudo o que são e o que têm.

Na medida em que formos capazes de criar esta pujança de vida comunitária, nascem comunidades vivas, onde cada rapaz se faz homem. Os mais velhos, os mais instruídos, os mais dotados têm um papel decisivo. São o ponto de referência para os mais novos. São os verdadeiros educadores na linha de Pai Américo, dentro das nossas Casas.

Neste serviço ninguém substitui ninguém. Cada um no seu lugar tem um papel a desempenhar. E, quando deixar a Casa para dar lugar a outro, há-de voltar a ela de cabeça erguida e de coração agradecido, como o filho que vai e vem beber na fonte que o ajudou a criar.

«Somos a Porta Aberta.» É verdade! Pai Américo sabia que não se podem fazer homens com a porta fechada. Sem vida participada. Tocamos, aqui, num ponto fundamental. A Porta Aberta tem um sabor a Liberdade. Mas a Porta Aberta é para gente responsável. Merecemos a Porta Aberta à medida que vamos sendo responsáveis. Liberdade responsável é a nota que acompanha sempre a pessoa. Caminho de aventura. Caminho de risco. Sereis

tanto mais pessoas quanto mais livres e responsáveis.

É um trabalho que não tem limites. O exercício da Liberdade responsável é posto à prova com a Porta Aberta — síntese da pedagogia de Pai Américo. No trabalho, na escola, no refeitório, na capela, em todos os cantos das nossas Casas tende presente a Porta Aberta.

Pai Américo amou-nos muito. Deu sua vida por nós. Vamos merecê-la.

Por isso, o Centenário não acabou. Se mexeu com multidões de fora das portas, bem triste seria se ficassemos como dantes. Foi e é tempo de reflexão e revisão da nossa vida dentro da Obra da Rua.

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

Celebrámos o Centenário do Pai Américo em ambiente de família cristã. Foi um dia de acção de graças a Deus. Acção de graças por este Homem-Sacerdote que Deus mandou à Sociedade e à Igreja.

O primeiro encontro de festa foi na nossa capela. Celebrámos aí o perdão de Deus para as nossas faltas. Depois reunimo-nos no salão. Vimos no écran alguns quadros da Vida e Obra de Pai Américo. Que bem! Que silêncio! Que lição! A seguir, foi o acto principal deste dia — a Eucaristia celebrada por um grupo de sacerdotes, um deles companheiro de Pai Américo no Seminário. Os Amigos mais ínti-

mos e mais próximos estiveram presentes. Catorze dos nossos fizeram a primeira Comunhão. Que lindos eles estavam e que felizes se sentiram! A Eucaristia foi a grande Acção.

Por fim, o salão ficou cheio de mesas com os farnéis que os Amigos trouxeram e quiseram partilhar. Foi o segundo banquete. Um grande convívio. Houve música. Houve cânticos. Houve muita alegria. Os nossos mais pequenos vibraram e fizeram vibrar a todos. O dia alongou-se. Graças a Deus por este Pai!

Padre Horácio

Ecos do Centenário do Pai Américo

Cont. da 1.ª pág.

acabando de vez essas «capelas imperfeitas», como Pai Américo lhes chamava, por não responderem ao doente incurável e sem ninguém.

E o Albergue Nocturno que os Vicentinos de Coimbra pensaram e trazem no coração, que é a mais segura «memória» dos grandes pensamentos?

Padre Carlos

Correspondência de Família

«Várias vezes sinto imensas saudades do meu tempo de gaiato!

Agora, reconheço que foi o tempo melhor da minha vida, onde aprendi a respeitar e portar-me no meu lugar na sociedade, sem ter um chefe por trás das costas. Imagino que nem todos os gaiatos saberão dar o valor ao que aprenderam no momento em que estiveram na Casa do Gaiato; mas, um

dia, mais tarde, apercebemo-nos de que foi uma lição sobre a vida, sem igual.

Há catorze anos que me encontro em Paris, onde continuo a minha vida de emigrante. A minha maior vontade é regressar ao meu País.

Como os meus filhos têm dois anos e meio e três e meio, gostaria imenso que comessem a escola em Portugal...

Mário Martins («Bragança»)

umas mais compridas, outras menos. De igual modo os mais velhos, casais e senhoras:

— Senti, naquela alegria, toda a presença de Pai Américo. Que me dê força para continuar a servir a Obra da Rua.

— Foi bom ver os gaiatos, ali, juntos. Pai Américo revelou-se nesta imagem.

— Só queria realçar uma coisa: Hoje, os gaiatos foram, de uma maneira especial (novos e velhos), acarinhados no Palácio de Cristal como em todo o País.

Outras ideias foram transmitidas e chegámos cada um a suas Casas com o sabor de que isto irá continuar a perdurar, com Pai Américo no seu lugar — a ajudar-nos a ser homens e a levantar outros.

Guido

Paço de Sousa

TRABALHO — No dia 11 do corrente houve as tradicionais mudanças de trabalho. Para a tipografia, três caras novas: Lourenço e «Cebola» para a composição tipográfica, Lupricínio para a impressão.

Resta desejar muitas felicidades e que se empenhem ao máximo, pois só assim poderão vencer — em proveito do seu futuro profissional.

BALANÇO DAS FESTAS — Terminaram! Foi uma grande viagem, do Porto a Aveiro e Braga. Tudo correu bem, graças a Deus. As pessoas acorreram às salas, sempre em bom número; e, com certeza, ficaram contentes. Até uma próxima oportunidade, se Deus quiser.

DESPORTO — Acabou o Torneio Inter-Casas. No jogo decisivo, entre a nossa Casa e a do Tojal, o resultado final foi 5-4, a nosso favor. Ficámos em primeiro lugar.

Além da taça para o primeiro classificado, havia mais duas: Uma, para a melhor defesa; outra, para o melhor ataque. Ganhámo-las todas! Outro jogo (particular) foi dispu-

tado, mas já em nossa Casa. Vencemos.

Agora, aproveito para dizer que houve eleições. Resultado do escrutínio: Treinador, «Rola»; Presidente, «Piascas».

Aproveito para convidar grupos desportivos a jogar connosco, desde os escalões mais novos aos mais velhos. Obrigado.

Serafim

Lar do Porto

CONFERENCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Saudades dos que partem e as dos que ficam.

Sempre que recebemos notícias de África do Sul, falam da Conferência e dos nossos irmãos mais necessitados. Ora vejam: «Que saudades tenho da Conferência, das visitas que fazíamos aos nossos irmãos mais necessitados, aqueles meninos que pela primeira vez nos viam com aqueles olhinhos muito arregalados e de corpinhos franzinos. As mães com tanta delicadeza, a receberem-nos. As casas tão degradadas, piores que as cortes dos animais. As nossas reuniões abertas. Como sofríamos com os problemas dos Pobres! Lembram-se quando fomos visitar, pela primeira vez, aquela mãe da Rua da Bandeirinha com quatro filhos tão raquíticos e acabámos por chorar na reunião? Ainda hoje não resisto quando me lembro.

O Padre Telmo ainda está no retiro? Nas minhas orações não me tenho esquecido de todos e dos nossos amigos para que continuem o ajudar a combater tanta miséria. Um abraço cheio de saudades».

Também não vos esquecemos nem os Pobres, que perguntam por vocês.

O Francisco e a Maria do Carmo dão conta daquelas senhoras da Rua da Vitória que perguntam sempre pe'o sr. Doutor: «Ai, é um santo d'home, nunca mais vem; digam-lhe, meus senhores, que nós queríamos vê-lo.»

São as mesmas palayras da Rua da Bandeirinha, Bairro do Pai Américo e por todo o lado aonde vamos. Temos saudades e não esquece-

mos, em nossas orações, de pedir por todos. Todos juntos não somos demais no combate a tanta miséria.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — «Neste ano Centenário do nascimento do Pai Américo resolvi fazer-me sócia da vossa Conferência. Junto o primeiro cheque. É pouco mas de boa vontade. Assinante 8451.» «De pobre para os pobres vão estas roupinhas.» Assinante 19177, sempre presente, 1.000\$00. Do Lar de Santo António dos Capuchos, Penafiel, 5.000\$00. Hotel Imperial (Aveiro), presente com 5.000\$00. M. Cruz, 500\$00. M. A. Mendes 300\$00. M. Rebelo Lima, 500\$00 acompanha-dos de roupa e remédios.

Bem-hajam pela ajuda que nos dão.

José Alves

Setúbal

No dia 20 de Outubro, estava na nossa sala de estudo. Seriam quatro horas da tarde. Quando me ergui da secretária, olho para o exterior; e que vejo eu? Um pobre senhor que dormia descansadamente no outro lado da rua, deitado na calçada, com a cabeça sobre o braço esquerdo. Fiquei um momento a olhar aquela figura, reparando também nas gentes que passavam. À medida que o tempo decorria, anotei, mentalmente, as reacções dos transeuntes. Uns, olhavam e seguiam em frente (muito gostaria de saber do seu pensamento). Reparei com mais atenção numa senhora que conduzia um automóvel branco, bonito, que sorriu ao ver o prostrado. Foi capaz de sorrir perante a situação, mas não foi capaz de olhar para dentro de si e ver que ela própria só é grande aos olhos dos homens e não aos olhos de Deus! Gentes que não tomam consciência de que o dinheiro em excesso só traz felicidade momentânea e desgraças prolongadas. As pessoas só são verdadeiramente felizes se seguirem o caminho do Bem que conduz a Cristo.

Mário Caneira

SETÚBAL

Assinêl, no passado dia 14 de Outubro, a escritura da nossa Casa da Praia.

O anterior proprietário devia sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica melindrosa e apressou-me para que o documento ficasse arrumado, antes da dita. Agora, está tudo em ordem. Passei-lhe um cheque de quinze mil com data actual e outro de dez mil para ser levantado a 20 de Dezembro do ano corrente.

Quero que toda a gente saiba. Esta Casa é da Obra da Rua. A Rua não tem portas nem segredos. É pública.

Há dias, uma senhora em frente do edifício olhava e remirava... Todos nós gostamos de contemplar uma arquitectura de qualidade. Ela não. De olhos fagueiros, pensamento perturbado, alma triste e

desolada, despejava: — Devia ser proibido... Devia ser proibido venderem uma casa destas às bichos.

— É a reacção lógica de toda a mediocridade, diria o Padre Américo. Críticas, reparos, dúvidas, reticências e acusações.

Como se os rapazes da rua não tivessem direitos! Como se só as pessoas de capital dessem usufruir as vistas, os ares, a panorâmica e o deslumbramento natural que as nossas janelas e varandas oferecem. Como se não estivesse em causa o Reino de Deus e estas portas se fechassem às iniciativas e projectos do mesmo para se abrirem, somente, dois meses por ano aos gaiatos! Como se fôssemos uns ingénuos depredadores de valores económicos, sem rasgo nem

generosidade, dominados pela visão do próprio umbigo. Como se não estivesse em nossa mente a formação cristã de homens e mulheres em cursos, retiros ou simples encontros de reflexão e oração para um compromisso de comunhão com o mundo dos Pobres. Como se a Obra da Rua mudasse de rumo e o Espírito do Senhor nos abandonasse.

O negócio da compra foi fechado em quatro dias! Havia dois grupos de estrangeiros interessados. Se esta casa fosse hoje propriedade de ingleses ou alemães e eles trouxessem para este «paraíso» os seus compatriotas, relegando os nacionais, a mediocridade aplaudiria. Eram as divisas a entrar!... O dinheiro é sempre rei na mentalidade do mundo!... Não me consta que, no decurso da história, alguma vez ele tenha pensado de outra forma.

Bem diferente é o sentir e o actuar dos amigos da nossa Obra. Por toda a parte, em todos os continentes, ressoou a voz d'O GAIATO, encontrando ecos sublimes e respostas admiráveis. Ora leiam:

Sidney-Austrália — «Conheci, pelo jornal, que tinha comprado uma casa de praia, aí na serra. Parabéns. Convertendo com minha mulher, resolvemos mandar uma lembrança... Na altura não posso mais... Sou um antigo gaiato, de Paço de Sousa».

Hong-Kong: «Com um cheque de três mil e tal resolvi ajudar a vossa Casa. Dêem-nos notícias e informações sobre a vossa Obra».

Lisboa, pela terceira vez da mesma pessoa, numa carta de apaixonada: «Não tive capela para dar graças e pedir perdão, mas Ele também ficou mais presente. É o fim principal de todas as nossas iniciativas: torná-L'O mais presente aos homens!».

Abiul: «Aí vai uma fatia da congrua... Partilha anónima». Setúbal: «Envio esta migalhinha para a Casa da Arrábida, com pena de não poder mandar mais».

Lisboa, de novo: «Como vou trocar de carro, sinto-me no dever de partilhar com os mais necessitados, do meu aumento de despesa». Quem diria?!... Partilhar quando a economia se torna mais difícil. É assim a mentalidade do Evangelho. Nós também precisávamos de trocar um dos nossos, pois andamos em perigo e despesas contínuas.

Porto: «É com grande sacrifício. Não tenho possibilidades ou até mesmo tenho necessidades, ... mas levantei os olhos ao Céu!...» Sublime!...

Heinsberg, Alemanha: «Esperamos assim, com esta modesta ajuda, minorar um pouco as vossas dificuldades do momento».

Outra vez, Lisboa — «Um velho amigo e contemporâneo do Padre Américo: Remeto um cheque para a Casa da Arrábida em cumprimento de um

voto». Lisboa continua: «Como sei que têm ajudado muitas pessoas carenciadas que aí acorrem e ainda compraram uma casa grande para os rapazes passarem as férias, aqui mando três cheques... A Capital fica à nossa beira, temos dela muitos rapazes, não admira que nos olhe com carinho: «Muita satisfação pelo empreendimento da Arrábida... eu que sou setubalense... Para que fique livre dessa imensa responsabilidade em que se envolveu, mas foi formidável, envio um cheque de 51.000\$».

M. M., do Porto — que há três dezenas de anos me acompanha, sem eu a conhecer, nem ninguém: «Vão mil para a Casa de férias, a «filha mais nova da Obra da Rua!»

Outra vez Porto: «Meu marido fez anos. Fizemos também 46 de casados e resolvemos mandar a quantia que seria destinada a prendas. Melhor maneira de comemorar... Havemos de voltar a fazer. Assinante 3196.»

Mais Porto: «Li, não de joelhos, mas profundamente emocionada o relato que faz da generosidade de alguns leitores. Segundo as minhas possibilidades lá vou distribuindo por aqui e por ali (e há tanto por aqui e por ali) algumas migalhas».

Vila Nova de Gaia: «Acho que todos têm o direito de gozar férias. E os seus rapazes têm-no e grande. Assinante n.º 21733».

Beja: «Sou uma das vossas amigas que há muito se considera da Família e fiquei extraordinariamente feliz pela «aventura» que foi a compra da Casa da Arrábida, o sítio mais lindo do mundo!...» Eu bato palmas.

Castelo Branco — de novo o Padre Amigo: «Para que se entenda mais e melhor a parábola do Samaritano».

Barreiro: «É o meu subsídio de férias!»

O Porto volta: «Junto um cheque de 10.000\$00 para ajuda da Casa do Portinho da Arrábida. Não a conheço, mas pela descrição imagino-a e... acho que valeu a aventura pois não há quem a mereça mais que os despojados de capital...»

Junça — Almeida: «Aqui lhe envio um cheque para ajudar o buraco».

Montemor-o-Novo: «Para uma telha da Casa da Praia da Arrábida. É uma pequena participação de uma amiga e minha».

Palmela. Muito devemos à gente de Palmela, Quinta do Anjo e Cabanas. Tem crescido o amor por nós em todos os corações que nos conhecem. «Eu, uma Maria de Palmela, aqui estou com mais uma migalha do meu orçamento de reforma». É de novo o óbulo da viúva!

Elvas: «Para que as suas férias sejam um pouco mais

ressegadas, renovo para a oferta de anos de Pai Américo para ajuda da nossa Casa da Praia».

E Lisboa, a finalizar, com dois testemunhos e ajudas: «É com muito prazer que envio o cheque... que será mais um grãozinho de areia para ajudar a liquidar os encargos que contrairam com a aquisição da Casa de Férias!» — «Gostei muito de ver a foto da vossa Casa da Praia, na Arrábida. Deve ser linda! Como Pai Américo gostaria de a ver!...»

«Na nossa caixa do correio um embrulhinho em papel de prendas e 111 contos e tal dentro: «Quero contribuir para a Casa da Praia para que os Pobres também tenham Casa. Essa quantia foi-me dada e a mando do Tribunal de Trabalho, por há muito me ir sendo tirada do ordenado mensal. ... Bendito seja Deus que derruba os poderosos de seus troncos e eleva os humildes. Uma Amiga de sempre que o Pai do Céu conhece».

Na minha secretária alguém deixou um envelope com dinheiro nacional e estrangeiro no valor de 240.000\$00.

No Lar de Férias da Casa do Gaiato, assim se chama, agora, a antiga residencial, estive de 6 a 30 de Agosto o primeiro grupo de gaiatos: 68; e sete doentes do Calvário com vários jovens de fora. De 31 de Agosto a 4 de Setembro, as senhoras da Obra da Rua no seu retiro anual. De 4 de Setembro a 20, o segundo turno dos gaiatos: 70. No dia 29 de Setembro, 26 irmãs da Madre Tereza de Calcutá. Em 5 de Outubro, um grupo de jovens responsável pela coordenação de um convívio fraterno. Em 3, 4 e 5 de manhã, 42 escuteiros com os seus responsáveis. Em 8, 9, 10 e 11 de Outubro, um convívio fraterno com 50 jovens. A experiência vai-me revelando que os jovens são hoje a classe mais explorada, espoliada e empobrecida. Se não lhes acudirmos será uma hecatombe, sujeitos como eles estão a grandes e mentirosas seduções. No dia 17 de Outubro, outro encontro com a equipa coordenadora do referido convívio. Vinte e três, 24 e 25 de Outubro, curso de formação para animadores de grupos de jovens cristãos. Dia 6, 7 e 8 de Novembro, retiro espiritual para 70 jovens.

Vejo que a Casa não vai respirar!

Padre Acílio

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

não falem a quem é responsável.

Publicou o senhor Patriarca, no Advento de 1984, numa Carta Pastoral sobre os problemas da habitação e do urbanismo no Patriarcado de Lisboa, chamando à atenção para as gravíssimas questões levantadas, na zona em que é Pastor, pela ausência de casas ou deficiente alojamento numa assaz numerosa franja de população. Referia, então, que só na cidade de Lisboa residiam, em condições de sobrelocação, cerca de 26.000 famílias e que, segundo estimativa oficial da altura, cerca de 40.000 pessoas moravam em barracas.

«A casa é pertença natural do homem, como a concha do crustáceo e o ninho dos passarinhos», disse Pai Américo, como aqui já citámos. E mais: «Sem ela, sua ou à mão, o homem sofre. O seu sofrimento, por injusto e imerecido, causa a desordem». As gravíssimas consequências morais e materiais, individuais, familiares e colectivas, que resultam da falta de habitações ou da degradação das existentes afectam todo o tecido social e são causa de muito «sofrimento», e de «desordem». A paz e a ordem públicas têm muito a ver com a solução desta componente da vida dos homens.

Estamos no «Ano Internacional do Alojamento e dos Sem-Casa». Prouvera a Deus que o Estado, as Autarquias e as Entidades Privadas, mormente a Banca e as grandes Empresas, se lançassem efectiva e interessadamente em planos realistas e concretos para minimizar, senão resolver, as graves carências do parque habi-

tacional do País. Todos lucrarmos, pois, quando as necessidades essenciais dos cidadãos estão satisfeitas, a vida torna-se mais harmoniosa e feliz e os homens podem, se quiserem, ser Homens.

Não temos ilusões. Os problemas da habitação não são fáceis; mas, nem por isso, ou precisamente por isso, quando há um querer forte e sério, todas as dificuldades podem ser vencidas. Investimentos vultosos, facilidades fiscais e burocráticas, crédito barato, fornecimento de apoios técnicos e arquitectónicos, ajudas nas infra-estruturas (esgotos, água, luz e arruamentos), apoios à Autoconstrução, cooperativas e iniciativa privada, serão altamente reprodutivos e contribuirão eficazmente para a qualidade de vida das populações. Isto, em termos gerais, sem esquecer a exigência do combate claro às assimetrias regionais, de forma que os fenómenos migratórios tendam a dissipar-se, das zonas hoje menos favorecidas para os grandes centros ou suas periferias.

O mar é constituído por gotas de água. Pela nossa parte continuaremos com as ajudas aos Autoconstrutores e, nas zonas onde temos Casas do Gaiato, procuraremos apoiar aqueles dos nossos Rapazes que, com boa vontade, garra e determinação, se propõem levantar as suas próprias lareiras. Assim, aguardamos ansiosamente que seja aprovado o plano de loteamento da zona da Espadinha, aqui próxima, onde temos 10.500 m² de terreno, precisamente para esse fim.

Padre Luiz

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel